



Pero de Magalhães Gândavo, História da Província Santa Cruz

Os poemas de Luís de Camões aqui reproduzidos foram publicados pela primeira vez em 1576, na *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil*, de Pêro Magalhães de Gândavo. A elegia em tercetos, “Depois que Magalhães teve tecida”, traz a seguinte epígrafe: “Ao muito ilustre Senhor Dom Leonis Pereira, sobre o livro que oferece Pero de Magalhães. Tercetos de Luís de Camões”; já o soneto, “Vós Ninfas da gangética espessura”, também dedicado ao “governador de Malaca e das mais partes do sul da Índia”, se fez por ocasião da vitória “que ouve contra El-Rey do Achem em Malaca”. Ambos vêm com autoria expressa a Luís de Camões e não sofreram qualquer contestação, quer da tradição manuscrita, quer da impressa.

A importância dos textos explica-se pelo fato de que, excetuando-se a épica, foram, com a ode “Aquele único exemplo” - dada à estampa nos *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da*

*Índia*, de Garcia D’Orta, em 1563 - os únicos publicados em vida do Poeta. Todo o restante da produção lírica camoniana ficou dispersa nos Cancioneiros de mão, sendo recolhida postumamente.

Na elegia, avulta o tema “as armas e as letras”, caro aos humanistas italianos desde o século XV, mas surgido em Portugal no séc. XVI, evidenciado na disputa entre Marte e Apolo.

Em dúvida sobre a quem dedicar “sua breve história sobre a Terra Santa Cruz pouco sabida”, Magalhães adormece e sonha com os deuses que disputam a primazia de indicar o homenageado. Habitado a arbitrar “porfias duvidosas”, Mercúrio intervém e argumenta que desde a Antiguidade heróis acostumados ao trato da dura guerra uniram “às armas eloquência”, e que “nem armas das ciências são escusas”, mas conclui sobre a superioridade das letras sobre as armas porque “Mais co saber se vence que co braço”. Propondo o nome de D. Leonis Pereira, o deus mensageiro resolve a rivalidade, justificando que se “barão grande se requiere” as qualidades do homenageado honram os dois contendores: “Que com teus dões Apolo ilustre seja,/ E de ti Marte palma e glória espere./ Este vos darei eu em que se veja,/ Saber e esforço no sereno peito, / Que é Dom Lionis que faz ao mundo enveja.” Também em *Os Lusíadas*, em vários momentos, o poeta/soldado mostrou ser compatível o manejo das armas com o da palavra, como nos versos: “Pera servir-vos, braço às armas feito/ Pera cantar-vos, mente às Musas dada (X, 155), em que oferece seus préstimos ao Rei D. Sebastião.

O poema termina com o elogio a Magalhães e o apelo do Poeta ao homenageado para que não falte àquele favor e proteção.

Na tradição manuscrita, o texto figura no ms. da Biblioteca de San Lorenzo del Escorial (f.3v) - que, segundo acredita Emmanuel Pereira Filho, trata-se de apógrafo mais antigo do que o que serviu de base ao impresso - e no Manuscrito Apenso, f.24. Leodegário A. de Azevedo Filho<sup>1</sup> (1998, p. 213) admite que “o texto de MA é uma cópia de outra cópia, hoje desconhecida, do texto da *História da Província Santa Cruz...*”, dados os arranjos textuais lá encontrados.

De MA, o texto passou a RI (*Rimas de Camões*, 2ª edição, de 1598) - o primeiro ramo da tradição impressa - e foi reproduzido pelas muitas edições posteriores; ou foi reproduzido segundo o modelo da segunda tradição impressa, que tem início com a edição de Faria e Sousa, em 1685, com inúmeras deturpações.

O soneto, que faz o elogio ao nobre guerreiro, herói da batalha contra o rei do Achém, em Malaca, repercute o ideal heroicizante, em clima mental consoante com a ótica renascentista, em que os portugueses se mostram superiores a ícones da Antiguidade. No caso, os feitos de D. Leonis, de acordo com a visão camoniana, excedem os de Leônidas (general espartano que venceu o persa Xerxes no desfiladeiro das Termópilas), sendo dignos do canto das ninfas do rio Ganges. Observe-se a etimologia dos nomes próprios, ambos com o mesmo traço semântico de leão, ao qual se associam os sentidos de força e feridade.

---

<sup>1</sup> *Lírica de Camões. Elegias em tercetos*. Vol.4, Tomo 1. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998.

A transmissão textual é a mesma da elegia: figura nos mss. do Escorial e no Manuscrito Apenso, daí passando à segunda edição (RI) e à Faria e Sousa. O soneto também foi copiado pelas edições posteriores segundo uma das duas fontes da tradição impressa.

**AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA**

**SOBRE O LIVRO QUE LHE OFERECE PERO DE MAGALHÃES**

**TERCETOS DE LUÍS DE CAMÕES**

Depois que Magalhães teve tecida  
A breve história sua que ilustrasse,  
A terra Sancta Cruz pouco sabida.

Imaginando a quem a dedicasse,  
Ou com cujo favor defenderia  
Seu livro, de algum Zoilo que ladrasse.

Tendo nisto ocupada a fantasia,  
Lhe sobreveo um sono repousado.  
Antes que o Sol abraisse o claro dia,

Em sonhos lhe aparece todo armado  
Marte, brandindo a lança furiosa,  
Com que fez quem o vio todo enfiado,

Dizendo em voz pesada e temerosa,  
Não é justo que a outrem, se ofereça  
Nenhã obra que possa ser famosa,

Se nam a quem por armas resplandeça,  
No mundo todo, com tal nome e fama,  
Que louvor imortal sempre mereça.

Isto assi dito, Apolo que da flama  
Celeste guia os carros, da outra parte  
Se lhe apresenta, e por seu nome o chama

Dizendo, Magalhães, posto que Marte  
Com seu terror te espante, todavia  
Comigo debes só de aconselhar-te.

Um barão sapiente, em quem Talia  
Pôs seus tesouros, e eu minha ciência,  
Defender tuas obras poderia.

É justo que a escritura na prudência  
Ache sua defensam, porque a dureza

Das armas, é contrária da eloqüência:

Assi disse, e tocando com destreza  
A cítera dourada, começou  
De mitigar de Marte a fortaleza:

Mas Mercúrio, que sempre costumou  
A despartir porfias duvidosas,  
Co caduceo na mão que sempre usou,

Determina compor as perigosas  
Opiniões dos Deoses inimigos,  
Com razões boas, justas e amorosas,

E disse, bem sabemos dos antigos  
Heróis, e dos modernos que provaram  
De Belona os gravíssimos perigos,

Que também muitas vezes ajuntaram  
As armas eloqüência; porque as Musas  
Mil capitães na guerra acompanharam:

Nunca Alexandro, ou César, nas confusas  
Guerras deixaram o estudo um breve espaço,  
Nem armas das ciências sam escusas.

Nũa mão livros, noutra ferro e aço  
A ãa rege e ensina, e outra fere  
Mais co saber se vence que co braço.

Pois, logo barão grande se requiere,  
Que com teus dões Apolo ilustre seja,  
E de ti Marte palma e glória espere.

Este vos darei, eu em que se veja,  
Saber e esforço no sereno peito,  
Que é Dom Lionis que faz ao mundo enveja.

Deste as Irmaãs em vendo o bom sogeito,  
Todas nove nos braços o tomaram,  
Criando-o com seu leite no seu leito.

As artes e ciência lhe ensinaram,  
Inclinação divina lhe influíram,  
As virtudes morais que o logo ornaram.

Daqui os exercícios o seguiram,  
Das armas no Oriente, onde primeiro,  
Um soldado gentil instituíram.

Ali tais provas fez de cavaleiro,  
Que de Cristão magnânimo e seguro,  
A si mesmo venceo por derradeiro.

Depois já capitam forte e maduro  
Governando toda Áurea Quersoneso,  
Lhe defendeo co braço o débil muro.

Porque vindo a cerca-la todo o peso  
Do poder dos Achéns, que se sustenta  
Do sangue alheo, em fúria todo aceso.

Este só que a ti Marte representa  
O castigou de sorte, que o vencido  
De ter quem fique vivo se contenta.

Pois tanto que o gram Reino defendido  
Deixou: segunda vez com maior glória  
Pera o vir governar foi elegido.

E nam perdendo ainda da memória  
Os amigos o seu governo brando  
Os imigos o dano da vitória.

Uns com amor intrínseco esperando  
Estam por ele, e os outros congelados  
O vão com temor frio receando.

Pois vede se seram desbaratados  
De todo, por seu braço se tornasse,  
E dos mares da Índia degradados.

Porque é justo que nunca lhe negasse  
O conselho do Olimpo alto e sobido  
Favor e ajuda com que pelejasse.

Pois aqui certo está bem dirigido,  
De Magalhães o livro, este só deve  
De ser de vós ó Deoses escolhido.

Isto Mercúrio disse: e logo em breve  
Se conformaram nisto, Apolo e Marte,  
E voou juntamente o sono leve.

Acorda Magalhães, e já se parte  
A vos oferecer Senhor famoso  
Tudo o que nele pôs, ciência e arte.

Tem claro estilo, ingenho curioso  
Pera poder de vós ser recebido,  
Com mão benigna de ânimo amoroso.

Porque só de nam ser favorecido  
Um claro espírito, fica baixo e escuro  
E seja ele com vosco defendido,

Como o foi de Malaca o fraco muro.

**SONETO DO MESMO AUTOR AO SENHOR DOM LIONIS, ACERCA DA  
VITORIA QUE HOUE CONTRA EL-REI DO ACHÉM EM MALACA**

Vós Ninfas da Gangética espessura,  
Cantai suavemente em voz sonora  
Um grande capitão, que a roxa Aurora  
Dos filhos defendeo da noite escura.

Ajuntou-se a caterva negra e dura,  
Que na Aurea Chersoneso afouta mora,  
Pera lançar do caro ninho fora  
Aqueles que mais podem que a Ventura;

Mas um forte Lião com pouca gente,  
A multidão tão fera como nécia,  
Distruindo castiga: e torna fraca.

Poisô Ninfas cantai, que claramente  
Mais do que fez Leonidas em Grécia  
O nobre Lionis fez em Malaca.